

CENTRALIDADES E HÁBITOS DE CONSTRUIR E REPRESENTAR O URBANO: os circuitos superiores e inferiores da economia urbana na Tríplice Fronteira

Por Gilmar Almeida

Introdução

Esta pesquisa inicialmente tratou de pesquisar sobre a produção de imagens que contribuíssem para a construção de centralidades na tríplice fronteira e como estas estavam distribuídas territorialmente, através de levantamentos de campo. Posteriormente, tratou-se de analisar como cada uma destas imagens se inseria dentro da teoria dos circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos de Milton Santos (1975)³⁰. Com mais um desdobramento, percebeu-se a notável produção de representações no campo da construção civil e execução de grandes empreendimentos, especificamente na cidade de Foz do Iguaçu.

Segundo de Souza (*mimeo.*), atualmente a abundância de ferramentas digitais para os projetos de arquitetura acaba produzindo uma padronização das imagens, uma vez que tais *softwares* impõem certas lógicas de representação para quem os utiliza. Seus resultados mostram imagens realistas dotadas de uma ambientação e entorno extremamente higienizados – por vezes, este encontra-se desprovido de seres humanos (Figura 1). Com a intenção de seduzir quem as observa, este formato acaba tendo maior repercussão midiática.

Não é mera coincidência que este seja um hábito de construir - hegemônico: trata-se do tipo de representação mais adotado pelos escritórios de arquitetura na tentativa de vender e divulgar seus produtos para um público leigo neste assunto. Também não deve ser coincidência que este seja o tipo de representação encontrada nas imagens sobre Foz do Iguaçu veiculadas, sobretudo, pelo mercado imobiliário.

Objetivos

Visamos a análise das mobilidades e imobilidades na tríplice fronteira, pautadas pelo New Mobilities Paradigm³¹. Assim como temos a elaboração de cartografias que representam os circuitos superiores e inferiores da economia urbana, onde: a) os inúmeros panfletos em formato físico que majoritariamente são distribuídos nos hotéis iguaçuenses correspondem a restaurantes locais, simbolizam um circuito inferior; b) interesses imobiliários partindo tanto por parte do Estado, quanto por parte da iniciativa privada – redes hoteleiras, por exemplo,

³⁰ De acordo com Montenegro (2012), na segunda metade do século XX, houve uma preocupação teórica com o contexto de subdesenvolvimento dos países do terceiro mundo. As teorias sobre a produção econômica-industrial das décadas de 1950 e 1960, contudo, mostravam baixo teor elucidativo, não conseguindo explicar, por exemplo, o desemprego crescente nos países subdesenvolvidos. Já na década de 1970, Milton Santos propôs nova teoria, a respeito da relação interdependente entre dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos, um superior e outro inferior. Enquanto o circuito superior seria constituído pelos bancos, indústria moderna, serviços atacadistas e de transportes, comércio e indústria de exportação e serviços modernos; o circuito inferior se caracterizaria por formas de produção de capital não-intensivo, comércio de pequena dimensão, geralmente voltado para a população mais pobre. (MONTENEGRO, 2012).

³¹ Segundo Sheller e Urry (2006), o paradigma das novas mobilidades esclarece que, atualmente nem mesmo o espaço se caracteriza por um espaço fixo e estático, devido a uma “facilidade” de acesso à tecnologia e maior acesso a imagens, possibilitando as *imaginative travels*. (SHELLER;URRY, 2006).

oriundas de outras regiões do Brasil – configuram um suposto circuito superior do território transnacional.

Propõe-se que este cotejamento de imagens se apresente como um método de se discutir contemporaneamente a teoria dos dois circuitos da economia urbana, proposta por Milton Santos na década de 1970.

Metodologia

De acordo com Lynch (1960), centralidades se definem como um conjunto de pontos nodais somados a um grupo de marcos visuais que facilitam sua leitura, criando certa legibilidade, que se tornam centrais para pessoas que por ali passam. Faz-se necessária uma relação destes pontos com a reprodução em massa das imagens que representam estas nodalidades, que por sua vez podem ser lidas como turísticas. Tais objetos se configuram como produto da “era da reprodutibilidade técnica” (Benjamin, [1936] 1985)³², visibilizando espaços, transformando paisagens em símbolos dentro de uma sociedade capitalista e de consumo.

Parte-se de uma comparação entre panfletos recolhidos em levantamento de campo junto a agências de turismo e hotéis na área central de Foz do Iguaçu e imagens reunidas a partir de levantamentos online, especificamente no site <http://skyscrapercity.com/showthread.php?t=1466090/>, um fórum de discussão, existente desde 2011, em que consta uma extensa lista de obras em andamento em Foz do Iguaçu, com suas respectivas imagens. Foram mapeados inúmeros “novos” empreendimentos, sendo estes divididos nas categorias: edifícios comerciais, hotéis, equipamentos/prédios públicos, obras residenciais e outros (Figuras 2, 3 e 4). Em sua grande maioria, estes objetos imobiliários são representados por *renderings* (figura 1). Com a ressalva de que alguns já finalizados, ou em estágio avançado de construção, possuem fotos das edificações. Em outros casos, minoritariamente, possuem fotos aéreas com um desenho da implantação dos respectivos imóveis.

³² Para Walter Benjamin (1936), a reprodutibilidade técnica se configura em um contexto que permite que uma obra de arte, por exemplo, seja “copiada” em série. Diferente daquilo que antes do século XIX era criado por um mestre que logo, repassava seus métodos para um suposto aprendiz que daria continuidade ao trabalho manual – isto no âmbito das artes visuais e artesanato. A fotografia é uma amostra deste conceito: a ampliação de uma imagem capturada pode revelar detalhes e valores que poderiam facilmente passar despercebidos pelo olho nu em uma situação cotidiana. Uma determinada paisagem captada por uma câmera, deixa seu local de origem e pode se transformar em um quadro na sua casa.



Figura 1 - Seus resultados mostram imagens realistas dotadas de uma ambientação e entorno extremamente higienizados – por vezes, este encontra-se desprovido de seres humanos. Rendering do futuro centro empresarial Harmonia. Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1466>.

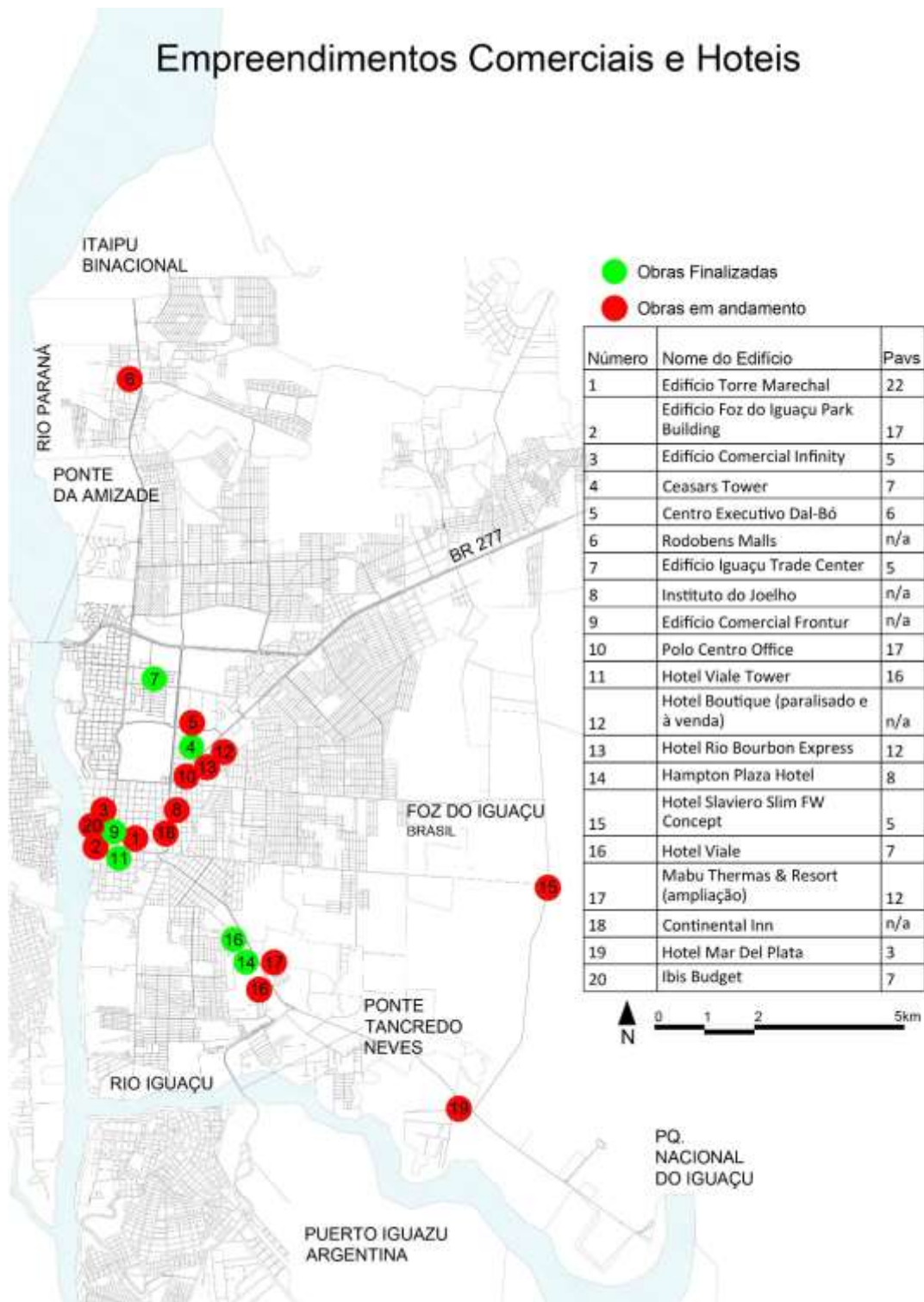


Figura 2 - Mapeamento dos edifícios comerciais e hoteleiros levantados.

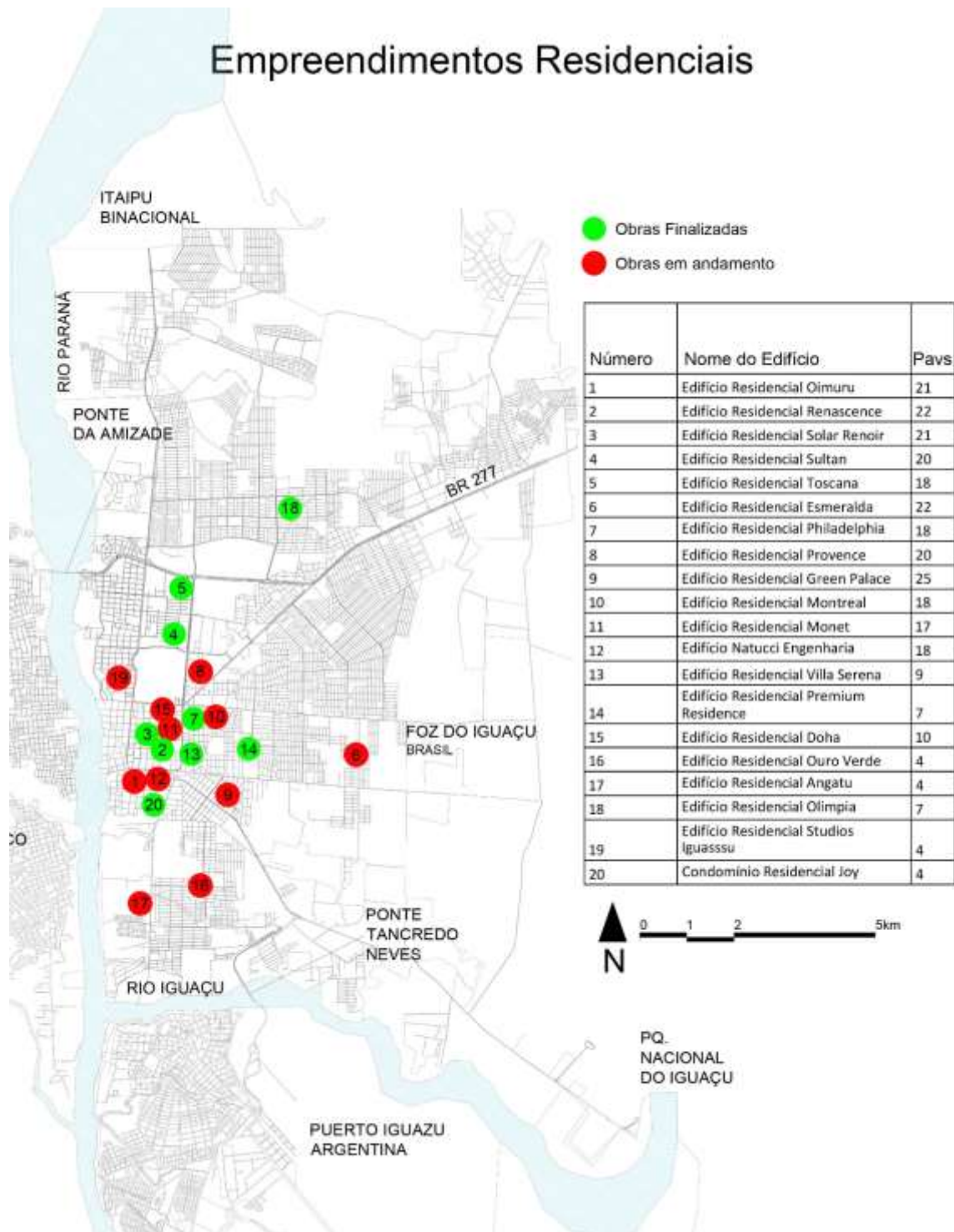


Figura 3 - Mapeamento das edificações residenciais.

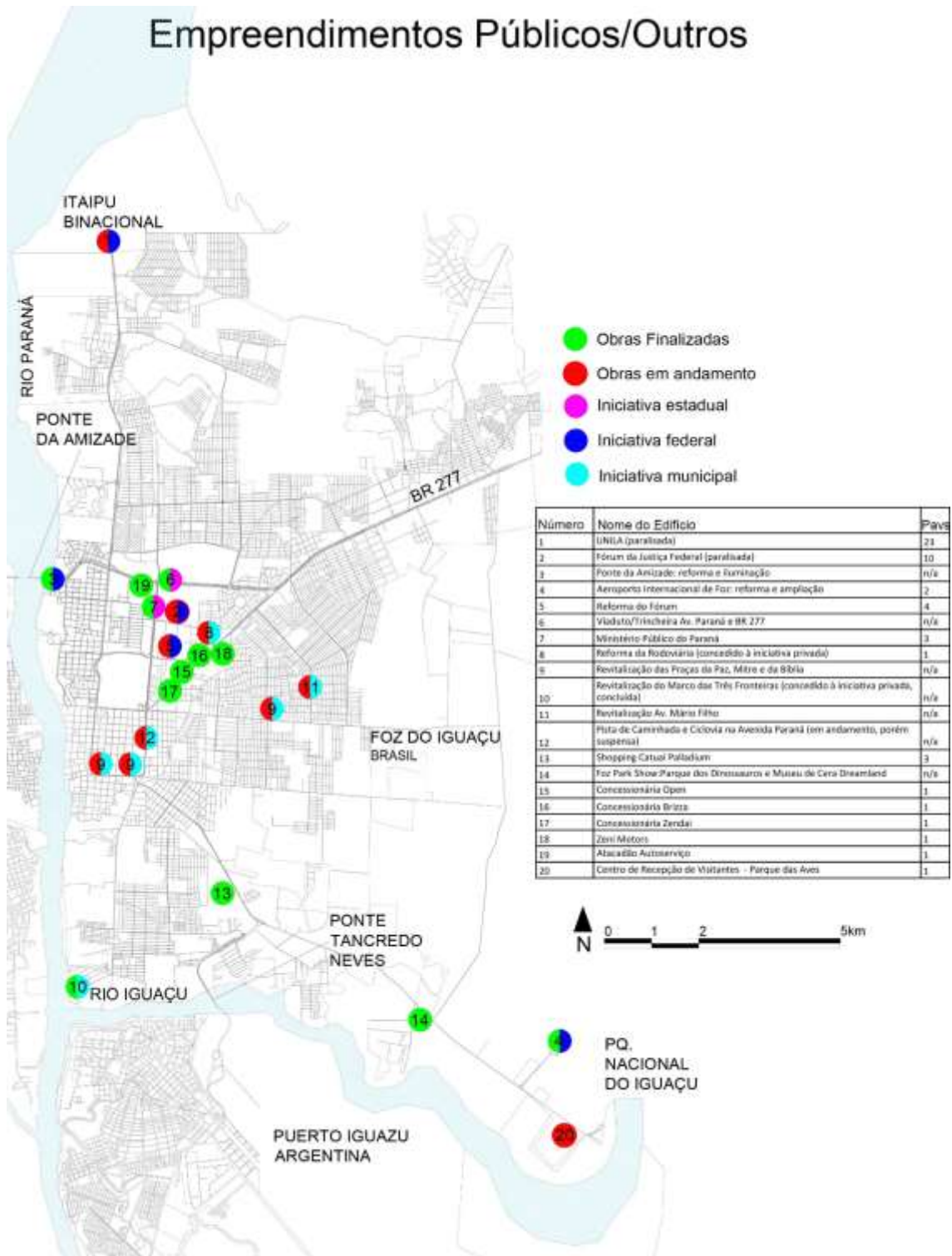


Figura 4 - Mapeamento das edificações públicas e outros.

Referências

- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, (1936) 1985, p. 165-196.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- MONTENEGRO, M.R. A teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos: de seu surgimento à sua atualização. In: *Revista Geográfica Venezuelana*. n.1, v.53, p. 147 - 164, 2012;
- SANTOS, Milton. *O espaço dividido*. São Paulo: EdUSP, (1979) 2008;
- SHELLER, M; URRY, J. The new mobilities paradigm. In: *Environment and Planning A*. Lancaster. v.38, p. 207 – 226, 2006;
- SOUZA, Gabriel Girnos Elias de. [Re/a]apresentação: reflexões para uma perspectiva discursiva e contra-hegemônica no ensino de representação gráfica em arquitetura e urbanismo.